

<http://dx.doi.org/10.17648/eidea-15-1925>

ANÁLISE DE COMENTÁRIOS NO YOUTUBE: EMBATES IDEOLÓGICOS NAS RESPOSTAS AO FILME CINQUENTA TONS DE CINZA

Bárbara Melissa Santanaⁱ

Resumo: Este texto se propõe a analisar os embates ideológicos inerentes às respostas ao filme *Cinquenta tons de cinza*. Para tanto, é destacado um comentário e algumas réplicas coletados no canal oficial de divulgação da trilogia na plataforma Youtube. Nessas respostas, a fala dos sujeitos reverbera embates de índices valorativos da cultura contemporânea e valoram em diferentes tons as cristalizações e imagens de identidade de gênero. Para pensar nessas questões, é elencado como arcabouço teórico-metodológico a teoria do Círculo de Bakhtin e os conceitos de sujeito e ideologia, a fim de pensar em como as ideologias aparecem na fala de cada sujeito.

Palavras-chave: Ideologia. Sujeito. Comentários do Youtube. Cinquenta Tons de Cinza.

Abstract: This text proposes to analyze the ideological conflicts inherent to the responses to the *Fifty Shades of Grey* movie. To do so, we selected a comment and some replicas collected in the official channel of releases of the trilogy on Youtube. In these responses, the subject's speech reverberates the values of contemporary culture and also assesses the crystallizations and the images of gender identity. In order to think about these issues, we draw on Bakhtin's Circle theory and the concepts of subject and ideology as theoretical-methodological framework, aiming at discussing how ideologies appear in the speech of each subject.

Keywords: Ideology. Subject. Youtube comments. Fifty Shades of Grey.

ⁱ Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Brasil. E-mail: barbaramelissasantana@gmail.com.

Introdução

O presente artigo tem como proposta a discussão e análise de índices valorativos em embate na seção de comentários do trailer do filme *Cinquenta Tons de Cinza* no canal nacional oficial de divulgação dessa trilogia no Youtube, o *Universal Pictures Brasil*. O interesse no trabalho com comentários na referida rede social se dá em razão do vivo embate de vozes sociais e diferentes sujeitos que dialogam na Rede e demonstram, por meio de suas falas, nuances culturais e diferentes locais de fala demarcados socialmente. As diferentes manifestações do público na seção de comentários interessam no que tange às construções sociais de imagens de identidades de gêneros masculinos e femininos e na reverberação dessas imagens no dialético movimento de respostas entre os sujeitos representados pelos perfis de usuários no Youtube.

A escolha pelo trabalho com a resposta ao filme *Cinquenta Tons de Cinza* e não com qualquer outro objeto artístico se justifica por ter o filme alcançado um recorde de bilheteria, além de o conjunto de obras da trilogia *Cinquenta Tons* ser composto por livros *bestsellers* e demais filmes também recordes de bilheteria na Inglaterra e em outros países. As produções provocaram grandes polêmicas na Rede, em relação a seu conteúdo erótico e às formas de representação de homens e mulheres na narrativa. Tendo em vista os atuais embates sociais em relação a temas ligados à sexualidade feminina e à própria noção de gêneros feminino e masculino, encontramos, nas respostas a essa produção cinematográfica, material analítico que ecoa e ressoa índices de valor de interesse para o estudo de tais questões a partir do arcabouço teórico-metodológico dos escritos do Círculo de Bakhtin.

O *corpus* a ser analisado neste trabalho é composto, portanto, por um comentário e suas réplicas. Esse comentário foi selecionado por tratar de problemáticas sociais polêmicas, como a estética feminina e, atrelada a ela, a sexualidade. Ambas são temáticas que se relacionam com a questão da imagem de identidade de gênero, sobre a qual discutiremos no item analítico, quando também serão abordados pontos da Filosofia da Linguagem do Círculo de Bakhtin, perspectiva dos estudos da linguagem que embasa este trabalho.

Em primeiro momento, discutiremos o conceito de ideologia e sujeito, e articulações desses conceitos com a noção de imagem de identidade de gênero, a fim de refletir sobre as cristalizações culturais sobre homens e

mulheres que aparecem nos comentários. Em segundo momento, será realizada a análise dos comentários a partir da discussão teórica realizada. Ao final, figuram as conclusões das discussões.

1. Ideologia, sujeito e imagem de identidade de gênero

Ao escolhermos como ponto de partida para nossas reflexões os escritos do Círculo de Bakhtin, adotamos um ponto de vista analítico dialógico que prioriza a natureza viva da fala dos sujeitos e as inferências culturais que demarcam essas falas. Olhamos para a fala de um indivíduo como um ato responsável e responsável, que reverbera índices valorativos oriundos de diferentes locais de fala, e que, de cada um desses locais diferentes, denota sobre o posicionamento axiológico daquele que enuncia.

Consideramos, por essa perspectiva, o sujeito como aquele que se constitui na alteridade, no diálogo infinito com outros sujeitos, pela linguagem. É por meio desta última que se regem as relações sociais entre sujeitos e que ocorrem as respostas às respostas, as respostas ao outro que, por sua vez, também responde a outro que lhe é anterior ou futuro. É a partir da linguagem propriamente dita que nos apercebemos de nós mesmos como sujeitos sociais, construímos o mundo concreto, nos relacionamos com os outros de nossa espécie e com toda a matéria viva de nosso universo.

A importância de refletirmos sobre a linguagem ao pensarmos no sujeito concebido à luz do pensamento bakhtiniano se dá por ser estritamente por meio dela que o homem conhece o mundo e entra em contato com os valores sócio-ideológicos intrínsecos à vida cultural desse mundo. As lutas de classe, as valorações axiológicas, o dito e o não dito e o todo imanente do mundo concreto, que é banhado de índices ideológicos, são acontecimentos que se dão na/ pela linguagem. Nesse sentido, as valorações sociais e a cultura dependem absolutamente da linguagem.

Nenhuma cultura poderia realizar-se se a humanidade estivesse privada da possibilidade de comunicação social, de que nossa linguagem é sua forma materializada. (VOLOCHINOV, 2013 [1930], p. 144)

Tendo em vista que o sujeito se constitui socialmente no horizonte cultural da sociedade, sem a linguagem e a cultura não existiriam os embates ideológicos e a dialética das relações entre sujeitos que possibilitam que ele seja um ser social. O posicionamento axiológico dos sujeitos no mundo, que se

constitui na alteridade, é banhado de índices valorativos imanentes à linguagem, que entram em conflito com vozes das super e infraestruturas.

Assim, a cultura, como elemento que se materializa nas relações, é construída historicamente, na cadeia de enunciados que se respondem infinitamente. Dentro do horizonte cultural da sociedade, conforme afirma a teoria do Círculo, o sujeito é sempre constituído no ato responsivo de seu outro, com quem ele estabelece uma relação de diálogo. Para Bubnova (2016), essa condição se configura como a primogenitura do outro, já que o eu vem sempre posterior a incontáveis outros sujeitos e vozes que o antecedem.

[...] é um mundo em que, ao chegarmos, já se encontra povoado: os outros já estão nele; de modo que a primeira coisa fundacional que se pode dizer sobre si mesmo é “*eu também sou*”. O outro vai me receber, me nomear e definir mediante as primeiras palavras de saudação e de amor, inaugurar mediante estas palavras o sentido e meu corpo desde qual nasce minha “consciência” (relação mãe-filho). O outro não somente possui a primogenitura, mas também uma vantagem ontológica sobre mim: a do excedente de visão sobre minha pessoa. (BUBNOVA, 2016, p. 135, grifo do autor)

Assim, a condição de reconhecimento de mim mesmo parte do olhar do outro sobre mim. Por sua vez, essa constituição dialógica do sujeito é valorada, se dá a partir de seu posicionamento axiológico. A compreensão do sujeito sobre as respostas do outro e sobre si mesmo é um ato responsável perpassado por ideologias, por contradições sociais e pela singularidade particular de cada um. Quando enuncia, o sujeito reverbera em sua voz marcas de seu posicionamento axiológico. Em sua fala se fazem presente, em diferentes níveis, vozes de outros sujeitos, conflitos ideológicos e embates sociais.

A ideologia se faz presente logo na alteridade, na relação que constitui os sujeitos, pois a reação do outro em relação a mim demonstra marcas do local em que se situa socialmente esse outro. O olhar dele sobre mim reverbera essa valoração que, ao ser respondida por mim, incorpora esses valores contradizendo-os, ratificando-os ou complementando-os. Nessa direção, o horizonte cultural que permeia a relação entre os sujeitos é refratado por ideologias que são respondidas pelo sujeito por meio de seu ato. Ao falar, inevitavelmente ocorre uma resposta que incorpora em si marca de outras vozes e índices de valores contraditórios. A fala do sujeito baliza ideologias na comunicação com seu mundo exterior. Ainda que na enunciação não sejam explicitamente mencionados, os conflitos ideológicos são implícitos

à fala do sujeito. As questões políticas, educacionais e financeiras que configuram o horizonte sociocultural do sujeito aparecem no diálogo cotidiano com o colega de trabalho, com o vizinho ou ainda na simples conversa com um desconhecido. As matrizes ideológicas que constituem o contexto cultural de determinada sociedade irrompem-se na fala, na relação do sujeito com aqueles outros que o constituem dialógica e dialeticamente.

Como elemento fundamentalmente social, a ideologia nasce e se faz viva nas relações contextuais e sociais entre objeto/ mundo da cultura e sujeito/ mundo da cultura. Dentro do universo essencialmente social que tange a existência dos sujeitos, os aspectos culturais da vida são construídos a partir de índices valorativos das diversas esferas da atividade humana. O conjunto de valorações imanente ao mundo humano e as relações que se constroem dentro desse mundo são índices de natureza ideológica, banhados de embates sociais. São essas valorações em embate que dão tom ao mundo, que caracterizam as relações entre sujeitos e que configuram as ideologias. Para o Círculo, a discussão sobre ideologia aparece vinculada ao conceito de signo, na discussão sobre signo ideológico. Este último, por sua vez, é uma defesa do signo como elemento socialmente volátil às condições sociais, políticas e culturais que o contextualizam. Todo material do mundo concreto que passe a refratar e refletir valorações é um signo ideológico, pois é indissociável de significações que ultrapassam sua existência física. Conforme afirma Volochínov (2013 [1928], p. 128), “Toda palavra é ideológica e toda aplicação da linguagem estão dotadas de uma modificação ideológica.”. Nessa direção, não há acontecimento neutro, não há fala sem carga ideológica, não há posicionamento social sem embate de ideologias, o valor social que a comunicação humana detém e os embates de valores que se alojam nos mínimos diálogos cotidianos ou nos grandes discursos políticos são ideológicos. A fala em si reverbera ideologias, pois além de situar-se socialmente no ato próprio do falar, é falada para alguém que valora essa enunciação. As ideologias são, inevitavelmente, material inerente a toda e qualquer relação humana. Os produtos das relações humanas são sempre fontes inesgotáveis de embates de ideologias e é na pluralidade conflituosa de valores que se embatem em um mesmo enunciado que se concretiza a cultura.

Como visto, a fala carrega em si índices valorativos sobre os variados espectros da cultura humana. Dentre esses, os papéis sociais dos sujeitos são

construídos cultural e historicamente, de acordo com as ideologias dominantes e também aquelas cotidianas, no embate entre as forças sociais. Nesse sentido, dentro do sistema hierárquico de administração social, os papéis construídos ao longo da história sofrem processos gradativos de cristalização. A cristalização das performances de gênero provém da prática condicionada socialmente, de modelos estilizados e continuamente repetidos em ciclos intermináveis que, na prática contínua e histórica, se sintetizam em imagens de identidade de gênero masculino e feminino.

Para Butler, a própria formulação de gênero implica aspectos modalizadores do corpo e do sujeito. O encaixe em sinalizadores “feminino” e “masculino” seria a tentativa de estabilização de performances de homens e mulheres que, por si só, se calca em um confronto entre ideologias. Nesse sentido, a imagem de identidade de gênero sobre a qual aqui discutimos, trata dos diversos moldes criados culturalmente ao longo da história e cristalizados da sociedade, de acordo com os quais se desenvolvem os sujeitos mulheres e homens.

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (BUTLER, 2015, p. 69)

Essas imagens de gênero masculino e feminino se concretizam no amplo estrato social, por meio do ato enunciativo do sujeito, na cadeia interminável da comunicação discursiva. Na resposta, o sujeito se posiciona responsivamente diante das identidades de gênero masculino e feminino enraizadas na sociedade. Em sua voz ecoam outras vozes, que falam de outros lugares sociais e ressoam novos valores, novos posicionamentos.

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (BAKHTIN, 2011, p. 297, grifo do autor)

Como visto anteriormente, ainda que o sujeito não materialize em sua fala determinados posicionamentos ideológicos, sua voz é incorporada de embates sociais amalgamados de ideologias. O sujeito pode não falar sobre as cristalizações de gênero abertamente, mas seu posicionamento axiológico no mundo denota sobre essa condição. Nos comentários em redes sociais, que são o material sobre o qual nos debruçamos em nossa análise, se torna nítido

o posicionamento axiológico do sujeito comentador que responde ao filme *Cinquenta Tons de Cinza* na plataforma Youtube. O comentário postado na rede social é uma resposta aos vários outros que se fazem presentes em seu contexto de existência que, por sua vez, também suscitam novas respostas na própria plataforma e fora dela.

Quando o sujeito escreve seu comentário sobre o filme e a trilogia, ele retoma outras vozes e ideologias que falam sobre imagens de identidade de gênero. Ele fala sobre si mesmo e sobre o outro, além de serem reverberadas em sua voz referências ao seu próprio horizonte cultural. A própria trilogia, por sua vez, também é responsiva. A construção enunciativa das obras que a compõem – tanto os filmes, quanto os livros – e as imagens de identidade de gênero nela elaboradas são elaborações discursivas que atendem a uma demanda cultural. Essa demanda cultural emana da matriz ideológica da sociedade contemporânea e de outros momentos da história, em que o padrão patriarcal de administração social caracteriza as relações entre sujeitos.

As variadas nuances que singularizam as imagens de identidade de gênero são ideológicas. Elas respondem a máximas sociais e aos ideais culturais sobre homens e mulheres. Em *Cinquenta Tons de Cinza* os personagens protagonistas são elaborados de acordo com valorações sociais de origem contraditória. A construção da personagem principal Anastasia corresponde a uma imagem de identidade de gênero feminino de mulher romantizada, que é materializada por meio de cenas em que a moça é apresentada como romântica, calada e discreta, enquanto Christian é apresentado como um homem imponente e autoritário. As características principais de ambos mostra uma polarização em que a mulher é mostrada como delicada e frágil e o homem, por outro lado, poderoso.

Essa polarização constitui um exemplo de imagem de identidade de gênero. A divisão entre características essencialmente femininas ou masculinas arraigada à cultura contemporânea, o modo como esses elementos são cristalizados na sociedade e os conjuntos de características daquilo que é compreendido socialmente como “feminino” ou “masculino” configuram a noção de imagem de identidade de gênero masculino e feminino. Por sua vez, a imagem de identidade de gênero não é apenas dicotômica entre “feminino” e “masculino”, já que dentro de cada um desses dois há infinitudes de vozes de “femininos” e “masculinos”. Existem diversas

imagens de identidade de gênero feminino, já que dentro do próprio conceito de “feminino” há vozes que se contradizem, há ideologias em embates, assim como ocorre com o “masculino”.

Quando o filme materializa em seu casal protagonista as imagens de identidade de gênero feminino delicada e frágil e do masculino poderoso, ela responde, inevitavelmente, a um ideal social sobre o que é ser homem e mulher e provoca, por sua vez, novas réplicas. Por sua vez, a valoração dada às imagens de identidade de gênero materializadas em *Cinquenta tons* provém do ato responsivo do público, daquele que assiste, lê ou mesmo daquele que não lê, não assiste e ainda assim se posiciona em relação às obras.

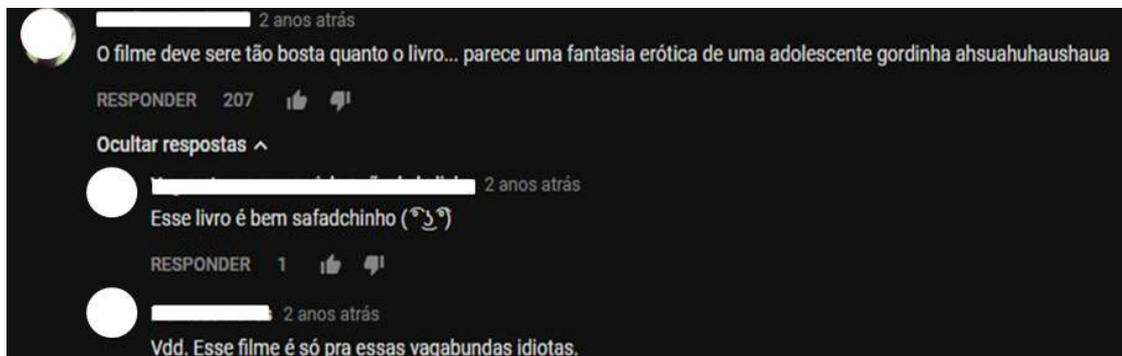
As imagens de identidade de gênero são, portanto, componentes sociais construídos na dialética das relações, nas respostas entre os diversos eus e outros dos mundos ético e da cultura. São axiologicamente valoradas pelos sujeitos e pelos discursos das super e infra estruturas.

2. Análise dos comentários

O material de nossa análise consiste em um comentário e algumas de suas réplicas no trailer oficial do filme *Cinquenta Tons de Cinza*, no canal da *Universal Pictures Brasil*, da plataforma de vídeos on line *Youtube*. O referido comentário contava com 54 réplicas, dentre as quais foram delimitadas apenas seis para serem aqui analisadas. Essa delimitação se justifica por serem tais réplicas as que mais dialogavam com a proposição “adolescente gordinha”, no comentário principal, e à sexualidade feminina. Assim, o comentário a ser analisado foi elencado por abordar, com maior enfoque, a questão da sexualidade e da estética feminina, ambos espectros relevantes no que diz respeito à construção de imagens de identidade de gênero discutida no tópico anterior.

Escrito por um perfil online feminino, o comentário (Figura 1) afirma que o filme parece ser “uma fantasia erótica de uma adolescente gordinha”, seguido de risos que atribuem tom de sarcasmo à fala desse sujeito. Na sequência, a primeira réplica, de um perfil sem demarcação de gênero afirma que o livro é “bem safadchinho” e uma segunda resposta, de um perfil masculino afirma que “Vdd. Esse filme é só pra essas vagabundas idiotas.”.

Figura 1- Comentário extraído do canal *Universal Pictures Brasil*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=DEwlt4amgq4&t=38s> (2017)

Neste caso, a referência a “fantasia erótica de uma adolescente gordinha” implica, em primeira instância, “gordinha” como uma condição estética negativa e desmerecida e “fantasia erótica” de uma gordinha como uma qualificação de fantasia erótica ruim, que não vale a pena. Ademais, essa afirmação é utilizada pelo sujeito como argumento para afirmar que o filme deve ser tão ruim quanto o livro (Figura 1). O comentário é demarcado por valorações que depreciam a condição física de uma mulher gordinha, já que a imagem de identidade de gênero de uma mulher gordinha é cristalizada como negativa em um universo em que o padrão magro é sinônimo do belo e saudável. O discurso do padrão magro e as imagens de identidade de gênero da mulher magra são construídos na dialética das vozes sociais, em que a ideologia oficial, por meio das diferentes esferas da atividade humana, propagam a imagem da magreza como ideal.

A cultura, como fenômeno social que se dá a partir dos horizontes ideológicos das civilizações humanas, abrange determinadas construções ideológicas, que ocorrem a partir dos embates entre discursos. Entre as super e infraestruturas se encontram lutas ideológicas com objetivos de tomada de poder e de oficialização de determinados discursos. Essas lutas são dialógicas e dialéticas, visto que nunca há estabilização de um discurso oficial, mas sim tentativas de estabilizações por parte das superestruturas, já que as estabilizações garantem efetivação de poder. No entanto, na dialética das relações entre sujeitos, jamais ocorre a ascensão absoluta de determinada ideologia, visto que sempre há, ainda que de maneira sutil ou abafada, a contracultura, a tentativa de quebra de silêncio.

Como resultados constantes dessas lutas, existem as diversas vozes, os diversos interesses no amplo estrato social. No caso que aqui se aplica, há diversas imagens de identidade de gênero, que se configuram de acordo com os discursos oficiais e as vozes que a eles se opõem. Nesse imbróglio, o discurso oficial da magreza desponta no comentário aqui analisado quando a imagem de identidade de gênero de “adolescente gordinha” é instituída discursivamente como um argumento para justificativa de que o filme é de má qualidade. A carga ideologicamente atribuída àquilo que é gordo é valorada na fala desse sujeito de acordo com os padrões veiculados pelos discursos oficiais.

Bakhtin, ao discutir sobre gêneros discursivos e enunciados, afirma que a comunicação discursiva se dá na cadeia interminável de enunciados que se provocam e acrescenta considerações sobre os discursos de autoridade, como confere-se no destaque:

Em cada época, e cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão tom, como as obras de arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem. Em cada época e em todos os campos da vida e da atividade, existem determinadas tradições, expressas e conservadas em vestes verbalizadas: em obras, enunciados, sentenças, etc. Sempre existem essas ou aquelas ideias determinantes dos “senhores do pensamento” de uma época verbalmente expressas, algumas tarefas fundamentais, lemas, etc. (BAKHTIN, 2011, p. 294)

Nesse sentido, o que chamamos de discurso oficial da magreza no parágrafo anterior também pode ser identificado como um discurso de autoridade que, conforme afirma Bakhtin, são aqueles que dão tom e valoração e nos quais os sujeitos se baseiam. No comentário analisado, há forte discurso de desprezo ao gordo, que é uma imagem cristalizada na sociedade contemporânea, haja vista a pequena representação de pessoas gordas na mídia e em demais esferas. Nesse sentido, o discurso de autoridade oficializa a ideologia oficial e é incorporado pelas vozes do sujeito desde as superestruturas até o nível do diálogo cotidiano. No caso das superestruturas, tomamos como exemplo as grandes produtoras hollywoodianas, que sempre adotam, como protagonistas de suas grandes produções, mulheres e homens magros. A veiculação dessa imagem atua como as tradições expressas e conservadas sobre a qual aborda Bakhtin no trecho anteriormente destacado.

Na própria trilogia, o casal protagonista é exemplo de uma imagem estigmatizada no cinema, que reafirma a magreza como aquilo que é comum e ideal e, por outro lado, aquilo que foge do físico magro, como excepcional. Assim, a fala do sujeito no primeiro comentário reverbera índices ideológicos que se embatem nesse imbróglio.

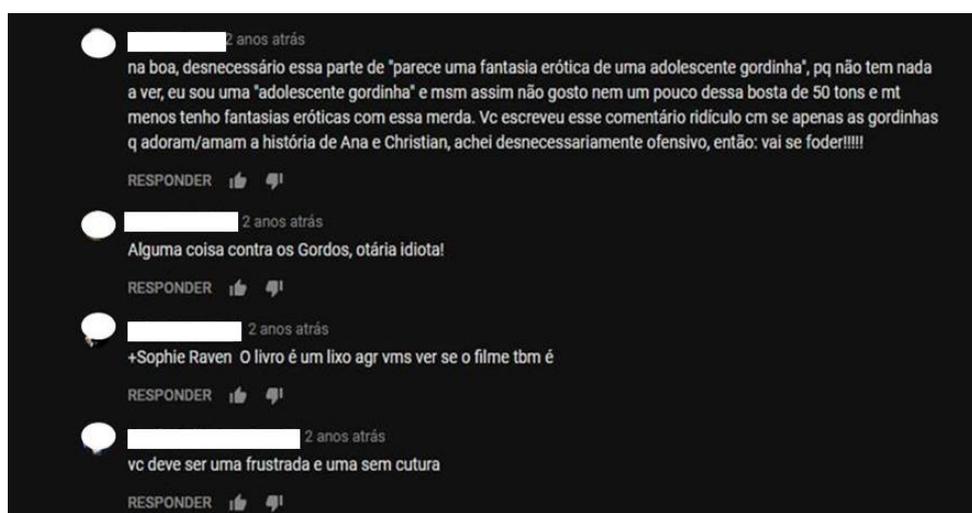
No entanto, embora no diálogo entre esses comentários as ideologias se disponham nesses níveis de confronto, é válido ressaltar que a dinâmica desse embate é relativa ao contexto de ocorrência do mesmo. Aquela que aqui é identificada como ideologia oficial pode, em outros momentos e espaços, ser uma ideologia do cotidiano, proveniente de uma infraestrutura, visto que o teor dos embates é dialético e sempre vivo, de acordo com a condição da enunciação. Como já debatido, lembramos que não há estabilidade no ínfimo confronto de vozes sociais, mas sim constantes tentativas de estabilização que são sempre ultrapassadas por novas tentativas.

Na segunda resposta ao comentário, de um perfil masculino, (Figura 1) é afirmado que “Vdd. Esse filme é só pra essas vagabundas idiotas”, como uma alusão à “adolescente gordinha” mencionada anteriormente. Nessa resposta, o sujeito se refere à “adolescente gordinha” como “vagabundas idiotas”, em um tom de intolerância a essas pessoas. Ambas as falas demonstram repulsão a “adolescentes gordinhas”, porém essa valoração aparece no discurso de cada um em prismas diferentes. Neste último caso, além de o locutor concordar com o tom negativo da proposição “adolescentes gordinhas”, ele ratifica essa afirmação com insultos. Assim, o discurso de cunho gordofóbico se efetiva em diferentes formas e tons e, embora partilhem da repulsa ao físico gordo, cada voz demarca locais de fala específicos, índices valorativos próprios. No primeiro caso, há o desprezo à mulher gordinha e uma alusão à sexualidade da mulher gordinha como menos válida, enquanto que no segundo caso, há um tom gordofóbico no comentário.

Na Figura 2, outro sujeito, que aqui é identificado como um perfil online também feminino, se posiciona ante o primeiro comentário e contesta o teor de zombaria atribuído à “adolescente gordinha”: “na boa, acho desnecessário essa parte de “parece uma fantasia erótica de uma adolescente gordinha, pq não tem nada a ver, eu sou uma “adolescente gordinha” e msm assim não gosto nem um pouco dessa bosta de 50 tons e mt menos tenho fantasias eróticas com essa merda [...]”. Esse sujeito assume em sua fala o lugar social da “adolescente gordinha” e argumenta que é desnecessário o outro

comentarista afirmar que o filme é ruim por parecer “fantasia erótica de adolescente gordinha”. Do local de fala desse enunciador, de acordo com seu posicionamento axiológico, que se coloca discursivamente como uma adolescente gordinha, a ideologia reverberada no primeiro comentário (Figura 1) soa provocativa e preconceituosa.

Figura 2- Réplicas ao comentário extraídas do canal *Universal Pictures Brasil*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=DEwlt4amgq4&t=38s> (2017)

Na dialética desse diálogo, esse sujeito replicante reverbera em sua voz índices ideológicos que confrontam a ideologia verificada no primeiro comentário. Há o claro embate de vozes sociais e ideologias, em que a voz de cada sujeito enunciador ecoa índices valorativos inerentes a seus lugares particulares de fala. Ainda nesse comentário, o enunciador responde que “Vc escreveu esse comentário ridículo cm se apenas as gordinhas q adoram/ ama a história de Ana e Christian, achei desnecessariamente ofensivo [...]”, refutando o olhar ofensivo que ofendia gordinhas.

No segundo comentário da Figura 2, outro sujeito, identificado como um perfil masculino, responde ao desprezo aos gordos inerente ao primeiro comentário: (Figura 1) “Alguma coisa contra os Gordos, otária idiota!”. Em sua fala, além de confrontar a ideologia reverberada no comentário que menosprezava a “adolescente gordinha”, ele abandona o termo “gordinha”, até então utilizado por ambos os sujeitos e adota “Gordo” com letra maiúscula. Essa escolha denota o posicionamento desse falante e sua postura de confronto que além de se voltar contra o insulto, abandona o sufixo -inha,

além de usar a palavra com inicial maiúscula. Há uma imposição de poder por meio desse ato de fala. Em outras palavras, a substituição de “adolescente gordinha” ou “gordinha” por “Gordo” na voz desse sujeito, demonstra que o gordo é mais que uma coisa pequena e desprezível, mas um sujeito de respeito e que, neste diálogo, reivindica o reconhecimento de seu espaço.

Na continuação, o último comentário da Figura 2, escrito por um perfil feminino, se refere aos sujeitos que comentaram anteriormente com “vc deve ser uma frustrada e uma sem cultura”. Essa é a resposta que se direciona ao comentário que confrontava a crítica à “adolescente gordinha” e que, assim como na Figura 1 em “Esse filme é só pra essas vagabundas idiotas.”, insulta a condição física do gordo. Ao se dirigir ao sujeito que rebate o preconceito com gordos, há o uso de ofensas como “frustrada” e “sem cultura”, que a par de “fantasia erótica de uma adolescente gordinha” configuram um conjunto de insultos que se voltam ao gordo como alguém desprezível. O enunciador ofende o gordinho para assim validar seu posicionamento em relação ao filme e neste caso, a única parte de sua fala que se refere ao filme é em “uma sem cultura”, que implica que gostar dessa trilogia é assumir um lugar de desprestígio, por apreciar um material cultural de baixa qualidade. Além disso, neste ponto há a reverberação da imagem de identidade de gênero da “adolescente gordinha”, mencionada no primeiro comentário analisado e é usada a ofensa ao outro sujeito para efetivar na fala o seu posicionamento.

Assim como nos comentários anteriores, aqui o enunciador também considera o filme como um material de baixa qualidade. No entanto, cada um desses sujeitos atribui valorações diferenciadas às suas opiniões sobre o filme. Para articular seus argumentos e reafirmar que o filme é de baixa qualidade, a fala desses sujeitos incorpora valorações culturais de origens diferentes e contraditórias. O espaço de comentários na plataforma *Youtube* se configura como uma real arena em que se desenvolve a luta de classes (BAKHTIN, 1997 [1929], p. 46), em que os sujeitos valoram a trilogia de acordo com seus posicionamentos axiológicos.

Cada fala expressa detalhes singulares que remetem à subjetividade de cada enunciador. Não há fala que seja neutra, livre de outras vozes, já que a linguagem é acontecimento da cultura e a ela são imanentes axiologias e embates provenientes de classes e lugares sociais divergentes. Esses índices verificados nas falas demonstram vozes sociais que configuram a cultura contemporânea além de indicar como as ideologias oriundas das super e

infraestruturas se materializam na fala individual, no discurso sobre um filme ou livro na internet e, neste caso, nos discursos sobre o *Cinquenta Tons de Cinza*. Despontam na voz do sujeito resquícios de discursos de autoridade, das ideologias oficiais e daquelas cotidianas, todas incorporadas em razão da alteridade, na relação do sujeito com seu outro, com as condições específicas de seu local de fala.

Considerações finais

Dentre os comentários selecionados, há um fio condutor que transparece em todas as falas, que é o desprezo pelo filme em razão das imagens de identidade de gênero nela materializadas. Ao mesmo tempo, na própria voz dos falantes se materializam outras imagens de identidade de gênero, como é o caso da “adolescente gordinha” que aparece no primeiro comentário, que provoca as demais respostas. Um dos aspectos da polêmica em torno da trilogia se deve ao fato de se tratar de um casal em que a mulher, além de se enquadrar em características tradicionalmente construídas como ideais para a mulher, também reverbera a principal imagem do ideal masculino.

Do ponto de vista de alguns internautas, a narrativa demonstra aspectos de um romance erótico barato, como são os casos aqui analisados, denominados pelos próprios sujeitos como (Figura 2) “dessa bosta de 50 tons”, “o livro é um lixo” e “essa merda” e (Figura 1) “o filme deve ser tão bosta quanto o livro”, “esse filme é só pra essas vagabundas idiotas”. São essas variadas vozes que demonstram aspectos de nossa cultura e sobre como as vozes do público brasileiro recebem a trilogia. Nessas vozes, a própria noção tradicional de romance hollywoodiano é quebrada. Há, por parte do público, a refuta à imagem da protagonista frágil e delicada e ao homem controlador, resposta que se relaciona ao momento histórico contemporâneo em que se insere esse diálogo. As meninas, ao usarem palavrões e xingamentos, quebram a própria imagem de gênero feminino de delicadeza, por exemplo. Em cada vértice desse diálogo ressoam valorações diferenciadas que, por sua vez, configuram novas imagens de identidade de gênero feminino, que aos poucos podem também se cristalizar na alteridade, nas relações entre sujeitos.

O espaço dos comentários se efetiva, portanto, como uma arena em que além de responderem a imagens de gênero de uma grande produção

hollywoodiana, os sujeitos, por trás de perfis online, também ecoam em suas vozes traços de novas imagens de identidade de gênero que dialogam com a singularidade de seus locais de fala.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2011.

_____. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997 [1929].

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

BUBNOVA, Tatiana. **“Do corpo à palavra”**: leituras bakhtinianas. Trad. Nathan Bastos de Souza. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização, 2003.

SANTANA, Bárbara, M. **La Majorité Opprimée**: ironia e inversão na crítica a imagens de feminino e masculino. 2017. 185f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara, 2017.

UNIVERSAL PICTURES BRASIL. Cinquenta tons de cinza – Trailer oficial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DEwlt4amgq4&t=38s>. Acesso em: 17 out.2017.

VOLOCHÍNOV, Valentin. Que é a linguagem? In: VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Trad. João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1930]. p. 131 – 156.

Forma de citação sugerida:

SANTANA, Bárbara Melissa. Análise de comentários no Youtube: embates ideológicos nas respostas ao filme *Cinquenta tons de cinza*. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 15, p. 43-57, jan./jun.2018.

Recebido em: 27/03/2018

Aprovado em: 10/06/2018